

OS LUSÍADAS E MENSAGEM : UM PARALELO POSSÍVEL

Hugo Lenes Menezes
Universidade Estadual de Campinas/CNPq

Os Lusíadas e a *Mensagem* são duas realizações épicas da literatura universal: o poema camoniano é a mais alta epopéia dos Tempos Modernos, enquanto que o poema pessoano é uma verdadeira epopéia da Era Contemporânea.

Embora se encontre cronologicamente distanciada de *Os Lusíadas* e não apresente o seu caráter narrativo, a *Mensagem* é tão épica quanto o poema de Camões:

identifica-os não a forma externa, o emprego do decassílabo, a presença do maravilhoso, etc., mas a comum intenção de abranger a multiplicidade dinâmica do real físico e espiritual numa só obra, numa só unidade (Moisés, 1982: 187).

No entanto, mesmo apresentando igual essência épica, *Os Lusíadas* e a *Mensagem* divergem na maneira de tratar o mesmo assunto, qual seja, os grandes eventos e heróis da história de Portugal: a epopéia camoniana, por ser produto da época áurea lusitana, isto é, o período das Grandes Navegações, que coloca a nação portuguesa na vanguarda da Europa, na quase totalidade de seus cantos, exalta o povo luso e seus feitos históricos, por isso ser chamada de “Poema da Raça”, “Bíblia da Nacionalidade”, “Bíblia da Pátria”, etc. Por outro lado, por ter sido elaborada num contexto histórico-cultural mais próximo, quando o País de Camões se acha numa situação desfavorável em relação a outras nações do continente europeu, a *Mensagem* surge como uma epopéia crítica, questionadora da matéria narrada, o que podemos observar a partir dos seguintes versos das estrofes inaugurais, que, através de uma alegoria, mostram um Portugal decadente e passadista:

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.
O rosto com que fita é Portugal.

(Pessoa, 2001: 19)

Mas, apesar de sua criticidade, a *Mensagem* também é, como a epopéia camoniana, uma criação literária de exaltação patriótica, embora não seja o hino de ufania em que se constituem *Os Lusíadas*. O patriotismo do poema *Mensagem*, além de ser visivelmente crítico, é místico e mítico. A *Mensagem* é uma produção mística porque nela os destinos da Pátria dependem, acima de tudo, das leis divinas, da vontade de Deus, da sobrenaturalidade: *Deus quiere, o homem sonha, a obra nasce* (Pessoa, 2001: 39). E tal clima de misticismo que envolve todo o texto pessoano começa a manifestar-se desde o seu título – *Mensagem* – revelador do papel de oráculo que o poeta assume, no intuito de transmitir a seus compatriotas (a quem ele reverencia no final com a saudação *Valete, Frates*, isto é, *Passai bem, irmãos*), uma mensagem (ou talvez uma profecia?), resgatando uma antiga denominação de poeta, a de *vate*, aquele que faz vaticínios, profecias. *Épico “sui generis”, sem tuba altissonante, (Fernando Pessoa) confina ao espaço subjectivo a sua profética (loucamente profética) “Mensagem”* (Coelho, 1997: 822), sendo significativo assinalarmos a etimologia do vocábulo *mensagem*: do baixo latim *missus* (enviado), o que evidencia a missão do autor de ser o mediador, o porta-voz do povo português, visceralmente místico. O próprio Pessoa autocaracteriza-se *como fundamentalmente um espírito religioso, investido de uma “missão” para com a humanidade, em geral, e Portugal em particular* (apud Lopes, 1996: 378).

Outrossim, a *Mensagem* é, de saída, uma obra mítica dada a sua própria natureza de epopéia, já que, para esta, o mito é uma condição *sine qua non*. Daí a presença, na épica de Pessoa, a exemplo de *Os Lusíadas*, da celebração heróica de mitos coletivos portugueses. Porém, não seria exagero afirmarmos que o poema pessoano é ainda mais mítico do que o camoniano,

visto que o livro de Camões é escrito logo após as *Grandes Navegações Lusitanas* (núcleo temático das epopéias em questão), ao passo que a *Mensagem* é escrita quatro séculos depois delas, quando o fato histórico já se encontra bastante afastado na linha do tempo, o que favorece a sua transfiguração em mito. Por isso, no texto de Pessoa, mais do que no de Camões, a dimensão mítica sobrepõe-se, até à loucura, à dimensão histórica, tornando-se o fundamento de tudo: *O mytho é o nada que é tudo* (Pessoa, 2001: 21).

Assim é que vultos históricos como o Conde Dom Henrique, Dom Afonso Henriques, Nuno Alves Pereira, Colombo, Vasco da Gama, Bandarra, o Padre Antônio Vieira, e, acima de todos eles, Dom Sebastião, hoje, mais do que nunca, são, para nós, figuras consagradas como mitos. Inclusive, na *Mensagem*, os poemas referentes a Dom Sebastião anunciam que a salvação de Portugal dar-se-á unicamente pelos caminhos do mito, do sonho e da loucura.

Tanto Camões como Pessoa, em suas epopéias, no desejo de situar as façanhas marítimas lusitanas na mesma altura, ou até acima, das míticas navegações da Antiguidade Clássica, remetem, numa *mise-en-abîme*, à figura de Ulisses, herói da *Odisséia*, de Homero.

Camões, no Canto I de *Os Lusíadas*, ordena: *Cessem do sábio grego e do troiano/ As navegações grandes que fizeram* (Camões, 1997: 21). Fernando Pessoa, na *Mensagem*, destina a primeira parte do poema “Os Castelos” a Ulisses, uma vez que este é tido, na historiografia mítico-lendária do Seiscentos português, como o fundador de Lisboa e da nação lusitana:

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existido.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

(Pessoa, 2001: 21)

Os Lusíadas e a *Mensagem* incorporam o mito com vistas a colocá-lo como um instrumento a serviço da redenção nacional, transformando-o numa religião do patriotismo

(Santos, 1999: 21). Senão, vejamos. Camões dedica a sua epopéia ao maior mito lusitano, Dom Sebastião, a quem o poeta chama de:

Maravilha fatal da nossa idade,
(Dada ao mundo por Deus, que todo o mande
Para do mundo a Deus dar parte grande).

(Camões, 1997: 22)

Assim, Camões vê Dom Sebastião como uma dádiva dos céus, um enviado de Deus para elevar o Império de Portugal e, por isso, utiliza-se de *Os Lusíadas* como um meio de exortar este rei a se converter no terror dos mouros da África, alimentando os sonhos de conquista desse monarca. Na esteira de Camões, Fernando Pessoa se confessa *um nacionalista místico e um sebastianista racional* (apud Pires, 1969: 37).

Deste modo, uma diferença entre a crença sebástica camoniana e a pessoana é que Camões se revela um sebastianista apaixonado, passional, e Fernando Pessoa, por sua vez, diz-se ser um sebastianista crítico. Ao contrário de Camões, no enfoque de Pessoa, segundo Francisco Maciel Silveira (1992: 15):

Portugal transcende a manifestação corpórea de um Império ultramarino. Desfeito o corpo histórico (de Dom Sebastião), desaparecido em Alcácer-Quibir, resta a alma. E a alma de Portugal é a “febre de Além”, a **virtu** heróico-mí(s)tica. Capaz de transcendência, ela deve ser resgatada para outros empreendimentos grandiosos (não necessariamente materiais ou político-econômicos): a conquista da “Distância - / Do mar ou outra, mas que seja nossa!”

Outra diferença entre a crença sebastianística de Camões e a de Fernando Pessoa é que, em *Os Lusíadas*, a figura messiânica de Dom Sebastião está intimamente ligada à tão propagada fé cristã, pois Camões, metaforicamente, denomina Dom Sebastião de:

(...) tenro e novo ramo florescente
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente...

(Camões, 1997: 22)

Já na *Mensagem*, a imagem de Dom Sebastião, por ele significar para o povo português, o desejado, o enviado, o esperado, o símbolo da figura messiânica por excelência, o Emanuel (o que está por vir), pode ser associado ao messias judeu, o qual, à semelhança de Dom Sebastião, que ainda hoje traduz a imagem do salvador da Pátria lusitana, é aguardado como o libertador da nação judaica. Aliás, Pessoa orgulha-se, como nos lembra Teresa Rita Lopes (1996: 376), *de ser descendente de fidalgos e judeus pelo lado paterno, chegando a manifestar raiva contra o Deus da infância e a Igreja Católica que a mãe lhe ensinara a venerar*:

Quando virás a ser o Cristo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

(Pessoa, 2001: 58)

Dissemos, a certa altura, noutras palavras, que *Os Lusíadas* fazem uma apologia das façanhas dos portugueses pelo mundo. Contudo, por ter sido escrita por um poeta lúcido como Luís de Camões, essa epopéia, em um de seus episódios, o do “Velho do Restelo”, e no epílogo, aponta para a decadência que se segue ao apogeu do Estado luso e que é enfocada na *Mensagem*, o que afirma, por parte de Camões, *a sua independência e reserva em relação aos feitos de que se faz cantor* (Saraiva, 1995: 58).

No episódio do “Velho do Restelo”, que representa uma advertência aos portugueses sobre o mercantilismo que agita o país, o autor de *Os Lusíadas* faz uma crítica indireta ao empreendimento dos Descobrimentos e à política expansionista. Para Benjamin Abdala Júnior (1993: 20), a voz do velho seria a do próprio Camões, que gostaria que as navegações lusitanas se restringissem ao norte da África. O velho, símbolo da política da terra, do desenvolvimento agrário e pastoril, condena os motivos da aventura marítima: *a glória de mandar, a vã cobiça, o fraudulento gosto* dos que só desejam a fama e a glória, que ludibriam a ingenuidade do povo,

causando adultérios, desamparos e a desagregação das riquezas e dos Impérios. O discurso do “Velho do Restelo” contraria a tese fundamental de *Os Lusíadas*, ou seja, a de que no mar o homem ultrapassa as suas fraquezas.

O epílogo de *Os Lusíadas* é o momento de maior questionamento de Camões em relação à matéria narrada: ele lamenta a decadência em que se encontra a sua Pátria, a rudeza e a falta de interesse pelas letras, admitindo que canta *um povo tristemente embriagado com as glórias conquistadas no ultramar, tudo transformado numa desalentada confissão de vencido e visionário* (Moisés, 1985: 72). Em primeira pessoa, o poeta se manifesta numa atitude de recriminação:

Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a Pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

(Camões, 1985: 298)

A mesma triste reflexão camoniana sobre a aventura marítima portuguesa é uma constante nos versos da *Mensagem*:

Compra-se a glória com desgraça.

(Pessoa, 2001: 20)

.....

Ó Mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

(Pessoa, 2001: 48)

.....

Este fulgor baço da terra

Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

.....
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

(Pessoa, 2001: 64)

Não obstante, a ensaísta Maria de Lourdes Belchior, em seu artigo “Fernando Pessoa e Luís de Camões: Heróis e Mitos n’ *Os Lusíadas* e na *Mensagem*” (*apud* Garcez, 1992: 06), nega a existência de diálogo entre o poema pessoano e o episódio do “Velho do Restelo”, ao dizer que:

Do mito do Velho do Restelo procurar-se-ão em vão os sinais na “Mensagem”. O poema *Mar Português* faz balanço das dores que as navegações custaram: lágrimas, angústias, desesperos, sofrimento: em Horizonte, faz-se menção dos medos vencidos – noite, cerração, tormentas – e em Padrão, de esforço e ambição. No poema de Fernando Pessoa, parece não haver lugar para elementos aludidos na fala do Velho do Restelo: o Mar sem fim é Português: dobrado o Assombro, o mar é o mesmo: já ninguém o tema (Epitáfio de Bartolomeu Dias).

Embora respeitemos o ponto de vista da mestra Maria de Lourdes Belchior, fazemos nossas as palavras de Maria Helena Garcez, que opta por interpretar, de uma maneira um tanto diversa, o poema da *Mensagem* “Mar Português”. Vejamos :

Não é verdade que podemos ver, neste breve poema da Parte II de “Mensagem” uma eloqüente resposta às veementes indagações e invectivas que o “velho de aspecto venerando proferira em “Os Lusíadas” na ocasião do embarque solene dos navegantes na praia do Restelo? Concordo com que está ausente a representação da figura do velho – invenção camoniana pois não se trata de um fato histórico - mas está presente uma contestação à sua fala e maldições (“Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena”), procedimento que torna implícita a sua presença em “Mensagem”, uma sutil presença criada pela ausência. Aliás, é de se notar o extremo cuidado de Fernando Pessoa em não deixar visível que “Mensagem” se constrói sobre “Os Lusíadas”, supondo-o, completando-o e, às vezes, dele divergindo.

Outro ponto em que *Os Lusíadas* e a *Mensagem* se aproximam pode ser constatado pela presença do episódio do “Gigante Adamastor” na primeira epopéia e do poema

“O Mostrengo” na segunda. O episódio do “Gigante Adamastor” simboliza o perigo que o mar oferece para os navegadores: no plano histórico, ele se identifica com o Cabo das Tormentas, posteriormente, Cabo da Boa Esperança, passagem do Ocidente para o Oriente, cuja descoberta desencadeia a mudança da rota mediterrânea para a rota atlântica. E Fernando Pessoa retoma o episódio do “Gigante Adamastor” para a criação do seu poema “O Mostrengo”. Só que, se em *Os Lusíadas* o monstro é uma divindade de pedra, imagem de um terror ancestral, de um poder que se quer imutável, na *Mensagem*, tal divindade é aérea. Por sinal, numa primeira versão, o poema “O Mostrengo” intitula-se “O Morcego”, o que nos sugere a mutabilidade do poder, como que confirmando a assertiva marxista de que *tudo que é sólido desmancha no ar* (apud Berman, 1996: 88). Por isso é que, diante do gigante Adamastor, os navegadores lusitanos sentem pavor (temem o perigo). Já em face do mostrengo, mesmo tremendo, os portugueses, na pessoa de um homem pleno de espírito épico, *o homem do leme*, provavelmente Bartolomeu Dias e associado a Dom João II, o Príncipe Perfeito, encaram a horrenda entidade – personificação dos obstáculos enfrentados pelos lusos na conquista dos mares.

A identidade entre a epopéia camoniana e a pessoana também é passível de reconhecimento no episódio “A Ilha dos Amores”, de *Os Lusíadas*, e no poema “As Ilhas Afortunadas”, da *Mensagem*. Tanto a Ilha dos Amores quanto as Ilhas Afortunadas são regiões encantadas, míticas: a primeira se assemelha a um *éden pagão*, envolto por um clima de panerotismo, um jardim de delícias, um paraíso terrestre onde não há pecado, onde tudo é permitido, reservado aos bem-sucedidos e aventureiros argonautas portugueses, e o mito sempre se remonta a um espaço-tempo anterior a uma queda, anterior à idéia de pecado.

Noutra formulação: a Ilha dos Amores localiza-se numa dimensão do passado mítico lusitano, na Idade de Ouro de Portugal, no seu *Tempo Venturoso* (lembremos o qualificativo do rei dessa época: Dom Manuel, o Venturoso), pois o período das Grandes Navegações pode ser

considerado como um tempo mítico, um tempo sagrado para o povo luso, já que corresponde a uma era de potência econômica e de glória de seu país, antecedendo a queda do poderio português no cenário mundial.

Por sua vez, as Ilhas Afortunadas se afiguram uma utopia, vocábulo formado etimologicamente, do grego, pela partícula *ou* (que quer dizer *não*) e pelo radical *topos* (que significa *lugar*), configurando o não-lugar, ou lugar que não existe, impossível de ser localizado num mapa geográfico. E Fernando Pessoa define as Ilhas Afortunadas assim:

São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar,
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos despertando,
Cala a voz, e há só mar.

(Pessoa, 2001: 54)

Sendo assim, Pessoa concede às Ilhas Afortunadas o estatuto de um espaço mítico-lendário, pois é a morada do maior mito lusitano, Dom Sebastião, que, no imaginário do povo português é dado como desaparecido, em 1578, em meio a um combate no areal do deserto do Marrocos. O resto do seu destino perde-se, então, na incerteza e na lenda. E incerta, lendária, é a localização das Ilhas Afortunadas, bem como a sua referência temporal, que também é mítica: o futuro salvífico lusitano, simbolizado por Dom Sebastião e pelas Ilhas Afortunadas (espaço-tempo do novo Portugal), é posto do passado, constituindo um futuro do pretérito, um tempo virtual, um tempo potencial.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Camões – Épica e Lírica*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- COELHO, Jacinto do Prado Coelho. “Fernando Pessoa”. In: *Dicionário de Literatura*. Porto: Mário Figueirinhas Editor, 1997.
- GARCEZ, Maria Helena N. “Motivos das Navegações na Poesia Portuguesa do Século XX: O Velho do Restelo”. In: *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas: UNICAMP, no 20, jul./dez./1992.
- LOPES, Teresa Rita. “Fernando Pessoa”. In: MACHADO, Álvaro Manuel. (Org.). *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- _____. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- PIRES, António M. *Dom Sebastião e o Encoberto*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1969.
- SANTOS, Raimunda das Dôres. *Uma Leitura de Frei Luís de Sousa*. Teresina: UFPI, 1999.
- SARAIVA, António José. *Iniciação na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Gradiva, 1995.
- SILVEIRA, Francisco M. “A Mensagem de Fernando às Pessoas”. In: *Mensagem*. São Paulo: FTD, 1992.